

Pinacoteca do IHGAL: obra de fricção¹

IHGAL ART GALLERY: FRICTION ARTWORK

Francisco Rosa

Resumo: O Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) desperta em quem a visita a recordação do modo de construção do patrimônio nacional como celebração do poder e afirmação de um saber que postula uma ordem e um conhecimento de existência soberana. Num processo de escuta das muitas vozes que reclamam atenção e que fazem a fama da instituição, por intermédio de sua Pinacoteca, questionam-se os critérios de organização que evidencia em os diversos interesses em jogo e a variedade de tratamento dada às coleções, e se propõem arranjos que as aproximem. O atrito provocado pela iniciativa de friccionar as obras deverá resultar de um contato face a face da administração da entidade com as comunidades de onde provêm as coleções, e isso deverá despertar inteligibilidades alternativas à atual museografia.

Palavras-chave: Acervo. Expografia. Curadoria. Patrimônio.

Abstract: The Museum of the Historical and Geographical Institute of Alagoas (IHGAL) awakens in its visitors a memory of how national heritage is constructed, serving both as a celebration of power and as an affirmation of knowledge that postulates an order and an understanding of sovereign existence. In a process of listening to the many voices demanding attention and building the institution's reputation through its Pinacoteca, I argue about the organizational criteria that highlight the diverse interests at play and the varied treatment given to the collections, proposing arrangements that bring them closer together. The friction caused by the initiative to dismantle the works should result from face-to-face contact between the institution's administration and the communities from which the collections originate, and this should awaken alternative intelligibility to the current museography.

Keywords: Collection. Expography. Curatorship. Heritage.

1. Breve histórico do IHGAL

¹ Artigo escrito depois de palestra por mim proferida no Salão Nobre do IHGAL em 20 de fevereiro de 2025.

Organização da sociedade civil de interesse público e sem fins lucrativos, localizada no centro de Maceió, em um edifício tombado pelo patrimônio estadual, o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) foi fundado em 2 de dezembro de 1869² com o objetivo institucional de:

promoção de atividades e finalidades de relevância pública e social para desenvolver e divulgar, em caráter permanente e sem discriminação de clientela, estudos e pesquisas nos diversos campos da História, da Geografia e das Ciências Sociais, especialmente em relação ao estado de Alagoas (Estatuto Social do IHGAL, 2024, p. 1).

O Museu do IHGAL está no centro da instituição, sendo o canal de comunicação com o público que o procura. Em seus Estatutos Sociais, consta da Subseção VI, Art. 40, que ele funcionará sob os cuidados de uma Diretoria criada especificamente para esse fim. Dentre as peças que compõem o seu acervo estão telas de pintores renomados, documentos históricos do período holandês e relacionados ao Quilombo do Palmares, à escravidão e ao movimento abolicionista. O Museu também conta com valioso conjunto de materiais utilizados na guerra do Paraguai. As três coleções mais importantes de seu acervo são a Coleção Perseverança, composta de 211 objetos sacralizados referentes ao “Quebra de Xangô”, operação com objetivos político e eleitoral de destruição dos terreiros de Candomblé de Maceió promovida em 1912 por milícia particular – conjunto recentemente tombado pelo IPHAN nacional³; a Coleção do “ciclo do cangaço” com armas, vestimentas e demais utensílios de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita; e, no segmento arqueológico, uma rara coleção de cerâmica marajoara com 191 peças doadas no século XIX por Jonas Montenegro.

Ao tomar posse como sócio efetivo em 2022, fui instado pela presidência da associação a preparar um catálogo para a Pinacoteca. Para tal, elaborei, junto com Tarcyelma Maria de Lira Silva, historiadora do IHGAL, dois projetos que aguardam resposta para o financiamento solicitado. Para compreender o lugar da pinacoteca nas instalações do Museu, em sucessivas visitas, me apercebi da natureza decorativa com que se desenhou a expografia atual. As pinturas

-
- ² Terceira mais antiga instituição do gênero do país, depois do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP). Reconhecida como de utilidade pública pelo Governo de Alagoas e pelo município de Maceió. Mantida pela contribuição de seus sócios e pela captação de recursos públicos e privados.
- ³ Homologação do tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) da Coleção Perseverança por meio da Portaria MINC nº 178 publicada no Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2025, Seção 01, página 10: Livro do Tombo Histórico, Livro do Tombo das Belas Artes e Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

tanto complementam as vitrines e placas de identificação, ou preenchem e ornamentam os espaços de passagem pelos corredores do vasto casarão.

O título “Pinacoteca do IHGAL: obra de fricção” traz o escopo resultante das ideias amadurecidas desde o contato com os propósitos da I Conferência Internacional de Museologia Social⁴, que acompanhei na cidade do Rio de Janeiro em março de 2024. Num primeiro momento, ao voltar para Alagoas, fiz a defesa da gestão compartilhada da Coleção Perseverança no número 54 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Agora, trago a proposta de uma expografia de interpelação das peças das demais coleções pelas obras pictóricas do IHGAL para motivar outros públicos, que não só os consócios e pesquisadores credenciados, a refletir e agir sobre elas. Creio ser essa uma proposta afinada com o compartilhamento necessário, aplicada à valorização do acervo do IHGAL, ao incremento da visitação do espaço de exposições e à participação de outros agentes, e não somente conceituados como “clientela”, algo indispensável à construção de uma memória alagoana em bases democráticas e cidadãs. Não acredito ser vantajoso segmentar as coleções deixando-as somente em companhia de suas congêneres, com o que um diálogo, embora produtivo, amenizasse os conflitos que deram aparecimento a cada uma delas e ao acervo do IHGAL. Manter e promover as contradições provenientes da presença desse vasto patrimônio num mesmo espaço, parece-nos mais representativo do tensionamento com que a história de Alagoas e do Brasil se deu do que separá-lo. Ganharão com isso os pesquisadores e o público em geral, pois a reverberação das muitas vozes em disputa nesse contexto, promovida pelo tipo de expografia aqui em pauta, depende da preservação do papel de salvaguarda que o IHGAL vem realizando há mais de 150 anos.

No meu entender, o tensionamento é o pano de fundo de toda valorização do acervo do IHGAL. A importância de seu acervo é reconhecida, mas parece corresponder à vontade de deixar o tensionamento de lado, seja desatando internamente os fios para que não entrem em contato e produzam indagações, seja permitindo que se avizinhem, uma vez que se reconhecem tributários de uma dívida social existente a ser paga pela separação.

⁴ A I Conferência Internacional de Museologia Social ocorreu entre os dias 20 e 23 de março de 2024 com o tema “Cuidando da vida em diálogo com as tradições dos povos originários e afrodescendentes”. O evento foi realizado no Museu da República e incluiu a 1ª Assembleia Geral do Novo Comitê Internacional de Museologia Social do Conselho Internacional de Museus (ICOM). A Abertura Gira, de 20 de março, mesa sob coordenação de Mário Chagas e Maria Helena Versiani, foi proveitosa como devolutiva da “Campanha Liberte o Nosso Sagrado” que culminou com a transferência da coleção para o Museu da República.

O IHGAL é proprietário de importantes coleções de grupos minorizados mesclados ao espólio de famílias tradicionais e a coleções privadas doadas por particulares, em geral, membros da elite alagoana. Constitui, portanto, uma fonte de pesquisa extraordinária para o nosso propósito, qual seja, o de confrontar não só o histórico da chegada desse acervo no IHGAL à situação em que se encontra, como problematizar formas de convivência incômoda. Com isso, é importante enfatizar o contraste em vez de compartimentar os espaços em temas, origens ou marcos identitários, com a fricção dos itens que compõem o seu acervo.

Com esse intento, pretende-se explorar o potencial que julgo haver na Pinacoteca do IHGAL. Em sua abrangência de estilos, origem social dos pintores, formas de expressão e períodos, ela atravessa o espaço expositivo interrompendo a sucessão de interpretações rotineiras. Um desenho que encare as pinturas como obra de fricção faria desestabilizar a acostumada museografia lá existente, ou seja, provocaria dissensos entre as coleções, transformaria o regramento atual de controle sobre a visualização de discursividades não hegemônicas, e levaria à necessária apropriação multitudinária de formas e conteúdos apagados.

Nesse atravessamento espaço temporal das pinturas no museu, vislumbra-se possibilidades de abordar, ampliar, conferir e contrapor critérios de classificação e hierarquização, encontrar alternativas para continuidades irrefletidas da noção de patrimônio histórico e geográfico de Alagoas, razão de ser de friccioná-las às demais coleções. Constituída de pinturas que remontam ao final do século XIX e chegam à metade da década de 1980, a Pinacoteca do IHGAL ainda não foi inventariada, nem teve os dados levantados e reunidos num catálogo para si, tal como acontece com outras coleções ali mais valorizadas. Esse fato a deixou um tanto à margem, e seria pelas margens que ela se acercaria do acervo. Vejo-a, portanto, como sendo de natureza estratégica enquanto peças móveis de um grande tabuleiro: à medida que são movidas, afetam as peças vizinhas, elucidam razoabilidades naturalizadas por muito tempo, e despertam memórias trancadas nos porões da oficialidade.

A revisão das premissas até então consideradas verdadeiras nessa ocupação levaria à redistribuição espacial dos quadros. Além disso, essa inserção viria acompanhada de uma revisão dos conceitos operativos da museografia da entidade, as pinturas funcionando como pontos de inflexão em que a sua confrontação com as demais coleções deflagrasse transformações significativas no entendimento do processo que deu origem ao IHGAL e a sua

atualização. Esse seria um ponto de viragem em que se abalasse a inércia observada e se alterasse o curso dos eventos do que ali se deixa acontecer por si só.

Deve-se discutir as razões que levaram alguns quadros a estarem escondidos, enquanto outros estão dispersos, avizinados sem critério de escolha. Perceber que, nesse espaçamento, parecem guardar para si conteúdos indesejados porque capazes de subverter a ordem que os dispôs como estão. É preciso saber mais sobre a história, pacífica ou conflituosa, de sua presença ali. Muitos museus evitam que seus objetos testemunhem a própria dor e a dor dos itens que compõem seu acervo, escamoteadas pela seleção das obras e a curadoria das exposições⁵. Uma expografia tal qual proponho poderá trazer ao conhecimento público os testemunhos de vários lados, democratizando o acesso e o debate sobre os sentidos da posse de tão preciosos bens.

2. A neutralidade da atual expografia em xeque

Expografia é o nome que se dá ao conjunto de técnicas para o desenvolvimento de uma exposição⁶. O seu objetivo é tornar concretos discursos que apontem para a necessidade de se fazerem ver e ouvir. Todos nós falamos de tempos e lugares específicos, a partir de realidades e histórias específicas. O IHGAL não foge à regra, e abriga muitas falas (vivências/exemplos de resistência) de tempos, gentes e lugares específicos a partir de diferentes realidades cujas vozes merecem ser amplificadas.

Em função de minha presença no quadro de sócios efetivos da instituição, tomei esse posicionamento. Percebi que as coleções estão desconectadas umas das outras. Levantei a hipótese de que esse afastamento não fosse deliberado, embora estivesse todo esse tempo evidente. Pensei em tornar inteligível essa percepção e propor diferentes abordagens do fenômeno da expografia como manifestação consciente ou não de hierarquias que resultam em valorizações e apagamentos de determinadas obras, discursos e ideologias.

⁵ “De acordo com o The International Council of Museums (ICOM), a curadoria diz respeito à primeira etapa de uma exposição. É o trabalho da equipe curadora, a seleção do conteúdo a ser apresentado ao público. O curador como o pesquisador de coleção e, em consequência, aquele que define o conteúdo da exposição. Outra concepção considera curadoria como o processo que integra todas as ações em torno da coleção ou do objeto museológico: aquisição, pesquisa, conservação, documentação, comunicação (exposição e educação)” (Pereira, 2018, p. 3).

⁶ “As exposições aparecem como elemento fundamental da relação entre museus e sociedade, e transcendem o agradável agrupamento de objetos em determinado espaço físico. Elas são um meio de comunicação que permite ao público aprender e vivenciar experiências não somente intelectuais, mas também emocionais. Embora seja possível encontrar na literatura os termos museografia e expografia empregados como sinônimos, entende-se que a museografia pode ser associada a leques mais amplos de atividades desenvolvidas nos museus” (de onde), “optou-se pelo emprego do termo expografia enquanto ação de materialização de exposições” (Chelini e Lopes, 2008, p. 3).

Todo recorte museográfico funciona dentro de um regime. Num regime conforme observo no IHGAL, determinados discursos são subalternizados, mas não desaparecem, pois ficam ali relegados à exceção, contraexemplos de uma regra que lhes exige justificativa para existir segundo critérios que não são seus, mas fixados por relações interseccionais de poder, aguardando para serem contrapostas⁷.

Abordar e organizar no espaço físico ou digital os elementos até então objeto de apagamento é o que faz da expografia uma obra de fricção. Também esclarece os motivos pelos quais são erigidos determinados vultos e não outros, bem como produzidas suas valorizações e ausências. Ao ressaltar a importância desse patrimônio, defendo que a expografia em mente não faça tábua rasa do conhecimento há mais de um século acumulado pelo IHGAL. Tudo o que venho propondo partiria do já existente em seu acervo e nele permaneceria em novos recortes expográficos, alargando a noção de patrimônio para uma repactuação social com a comunidade dos até então excluídos na gestão das práticas museológicas, de acordo com a importância que tem o IHGAL para Alagoas e o Brasil.

Ao propor uma curadoria cuja obra (objeto museológico) seja de fricção, pensa-se em ampliar o diálogo do IHGAL com os atores e os saberes de fora da academia e da instituição, reconhecidas as suas formas ancestrais de produção do saber. Com isso, recupera-se um pouco o tempo que deixou defasadas as coleções em relação à experiência de vida de suas matrizes identitárias. Desde que os protagonistas de sua própria história formassem um plano de trabalho, por eles discutido e compartilhado com a instituição, essa metodologia poderia fazer outra museografia acordar. A partir do pensamento “sobre” e da experiência “com” é que o friccionamento geraria os frutos pretendidos das coleções do IHGAL.

Principalmente, as coleções de peças provenientes de camadas excluídas da sociedade brasileira, misturadas aos signos da supremacia branca, devem formalizar novas inteligibilidades. As principais coleções do IHGAL (Perseverança, Grupo de Lampião, Jonas Montenegro de arte indígena)⁸ estão dispersas pelo Instituto, e as relações que mantêm com as

⁷ “Na interseccionalidade, indivíduos e grupos que estão sujeitos a mais de um sistema de subordinação terão melhores condições para identificar, analisar e construir estratégias de enfrentamento às hierarquias de poder e às desigualdades sociais que não se restringem às questões de classe, pois abarcam outros eixos de subordinação, como as questões de raça, sexualidade e nacionalidade. Trata-se de, a partir da interseccionalidade, explicar esses locais complexos que ocupamos enquanto indivíduos e enquanto sociedade, e compreender a multidimensionalidade das relações de poder” (Kyrillos, 2024, pp.12-16).

⁸ A Coleção Perseverança resultou do episódio do “Quebra de Xangô”, assim conhecido por se tratar da destruição sistemática de terreiros de Candomblé de Maceió e cercanias, cujas obras sacralizadas foram,

demais coleções e entre elas são pouco ou nada exploradas, enquanto essas relações podem ser despertadas por mediação da Pinacoteca.

As coleções estão dispostas em um espaço de memória e representação que submete a história de seus detentores originários aos pontos de vista e interesses dos supostos vencedores das disputas que lhes formaram. Ao IHGAL caberia refletir, pois, sobre a imensa responsabilidade que acarreta ser ele o detentor dessas coleções. O importante é mantê-las em contato uma com a outra lá dentro, imersos no ambiente de onde provêm as contradições para explicitação dos antagonismos ainda presentes. Com isso, o propósito é justamente o de apostar no aproveitamento das discussões levantadas por essas aproximações e expandidas a partir do solo alagoano.

Ao IHGAL não caberia a exclusividade de dizer o que as suas coleções significam sob o manto da divisão social do saber, mas abrir-se para a escuta e valorizar as polifonias inerentes ao patrimônio sob a sua guarda e com ele continuar a aprender. Os embaraços internos e externos trazidos pela acolhida dessas coleções serão bem-vindos quando fizerem surgir novos objetos de pesquisa e colaborarem para a realização do interesse público que faz o IHGAL ser ainda relevante e necessário. Uma vez que no passado foram silenciadas aquelas discursividades, devem ser elas atualmente convocadas a participar da formulação de uma expografia concernente ao patrimônio ali abrigado.

Essa presença deve ser motivo para a incorporação de um maior número de leituras do processo de conquista e ocupação do território brasileiro, de construção do Estado nacional levada à necessária investigação sob critérios de dentro e de fora da instituição. Esse deverá ser o meio pelo qual o IHGAL demonstrará saber o que fazer com o seu cobiçado acervo. Por mais valiosas que sejam as coleções do IHGAL *per se*, será *pl*a busca por um equilíbrio entre preservação, pesquisa e interesse público que o Instituto aproveitará melhor o que amealhou em sua longa existência.

em 1912, depositadas na Sociedade Perseverança e Auxílio dos Caixeiros de Maceió e transferidas, em 1950, para o IHGAL para evitar saírem do Brasil vendidas a colecionador dos EUA. A Coleção do Grupo de Lampião reúne objetos de uso diário de Lampião e Maria Bonita, trazidos para o IHGAL depois que eles foram surpreendidos e mortos por volante alagoana na Gruta de Angicos (SE), em 1938. A Coleção de Arte Indígena é formada de exemplares etnográficos do que havia sido coletado da Ilha de Marajó quando Jonas Montenegro, advogado, juiz de direito e vice-presidente da Província do Pará, de volta a Alagoas a partir de 1880, a doou ao IHGAL.

3. Cinco propostas de expografia como obra de fricção para o IHGAL

As propostas que trago aqui estão voltadas à escuta e ao diálogo com os saberes que dão vitalidade e legitimam o conteúdo das coleções. Para a sua realização, sugiro intervir inicialmente nas três principais coleções do IHGAL, todas mediadas pela retratística de gênero aproveitada de sua Pinacoteca. Por fim, o resultado inicial do projeto convergiria para o vão central do IHGAL, disponível para a montagem de exposições temáticas periódicas, realização virtual da proposta que ora encaminho, recorrendo à acessibilidade das tecnologias de comunicação digital.

As coleções estão desconectadas e existem hiatos não justificados entre elas. Várias são as personalidades representadas nos quadros que participam em mais de um dos fatos que deram origem às demais coleções, ou são as figuras em torno, ou a partir de quem, os fatos se desencadearam. Ao realocar os quadros e provocar fricções, eles intensificariam o valor dado às peças ao redor, atuando como vetores de reorientação necessária para o surgimento de novos vieses interpretativos para o acervo do IHGAL.

4. Trazer a problemática do Quebra para o ambiente da Coleção Perseverança

A Coleção Perseverança compartilha o mesmo espaço de exposições com símbolos dos poderes monárquico e positivista que disputavam a supremacia entre si na passagem dos anos mil e oitocentos para os mil e novecentos, ambos em antagonismo à religiosidade afro-brasileira. A maquete do monumento positivista em homenagem à República e a Floriano, cujo original se encontra no Rio de Janeiro (RJ), está disposta bem defronte ao retrato de corpo inteiro de Pedro II e delimita o espaço de exposição da Coleção Perseverança. Durante os anos 1930, também o ambiente da Perseverança abrigou reuniões de partidários do integralismo, movimento de extrema-direita de inspiração no fascismo europeu.

FIG.1_Retrato de P II. Foto do Autor/FIG.2_Maquete do monumento a Floriano_

????

Foto do Autor/FIG.3_Oxum ou Obatalá_Fonte: Fernando Gomes/FIG.4_Estante da Coleção Perseverança_Foto do Autor 1/FIG.5_Pintura na sala da Coleção Perseverança.

????

Foto do Autor.

Eixo de amarração do olhar, a dupla presença do retrato de Pedro II e do monumento a Floriano delimita a Coleção Perseverança. No mesmo espaço expositivo, junto a peças sacralizadas, estão antigas disputas a serem revisitadas. No alto, à direita da entrada, está um quadro com a figura de mulher amarrada ao tronco, submetida a castigo corporal por instrumentos de tortura; na qual se vê, ao fundo, um antigo engenho, mais de 350 anos de escravidão no Brasil.

As fricções entre discrepantes simbologias não param de se acentuar. Diante de forças historicamente antagônicas que se avizinham nesse espaço, diante do paroxismo da situação não redimida por contingências diversas, importaria explicitar as questões em aberto. Isto é, deve-se demonstrar a existência dos vários nexos causais, da existência de fios explicativos soltos entre fragmentos antigos e novos, as diversas posições em disputa que resultaram no que se tem, nos expedientes de exaltações e silenciamentos próprios à colonização. Além disso, é preciso criar condições para que essas vozes emergjam com maior clareza, provocar ruidosa conversação entre elas numa só expografia.

O Quebra de 1912⁹ foi perdido de vista, dentro do IHGAL. São várias as pistas de sua reintrodução no centro de um projeto museográfico de fricção a partir da Pinacoteca da entidade. Elementos desse projeto se encontram dispersos pelo Instituto. Fazê-los interpelar o retrato de Pedro II, à esquerda de quem adentra a sala da Coleção Perseverança, levantaria discussões sobre como os grupos das elites ligadas aos militares em 1912 se saíram vitoriosas no governo de Alagoas. Isso porque foram se moldando, se transformando de monarquistas em republicanos, ajustando seus interesses para se modernizar nas aparências. A proposta seria recuperar e ampliar o contexto da época. Mostrar o quão profícua e questionadora é a relação entre a Pinacoteca e a Coleção Perseverança no IHGAL.

O fenômeno bem alagoano do chamado “xangô rezado baixo”¹⁰, modalidade silenciada de culto proveniente da proibição posterior a 1912 é um aspecto importante a

⁹ “Operação Xangô”, “rasga-farda”, “quebra-quebra”, “Quebra de Xangô”, “Quebra de 1912” são alguns dos nomes das operações de assalto às casas de culto afro-religioso de Maceió em 1º de fevereiro de 1912.

¹⁰ “Modalidade exclusiva de culto, (que) Gonçalves Fernandes, o estudioso pernambucano, localizaria em visita aos terreiros alagoanos, descritas por ele como uma liturgia fechada, sem danças, cantos e sem a exaltação dos toques dos tambores, prevalecendo o cochicho e as atitudes pouco

ressaltar na associação entre o Quebra e a Coleção Perseverança. Além desse, ainda não suficientemente estudado e documentado, é o fenômeno da dispersão de lideranças negras a constituir uma espécie de diáspora interna de Alagoas para o restante do Nordeste do país. Chamar para o IHGAL mais essa frente de estudo e transformar a expografia a partir de seus resultados é outra notável contribuição friccional em vista¹¹.

5. Inserir a Coleção do Grupo de Lampião na problemática das disputas violentas de poder

A problemática da violência institucionalizada é antiga e está muito presente na história do Brasil. Subjugação da vida ao poder da morte por meio da ação ou omissão de autoridades públicas em disputas violentas de poder com grupos organizados de atuação clandestina, a administração do poder pela eliminação de “inimigos”, notórios ou não declarados, gera condições de risco para grupos sociais específicos, e determina quem pode viver e quem deve morrer.

A temática da violência de Estado pode ensejar uma discussão no IHGAL a partir de sua Pinacoteca e das demais coleções desde o sangrento período de transição do Império para a Primeira República e adiante. Esse período foi sabidamente marcado pelas soluções violentas de conflito, a morte do opositor como o método empregado pelas próprias elites entre si, disseminado e aplicado contra o restante da população, solução essa nuançada pela tática do indulto e da anistia, aplicados exemplarmente pela conveniência política.

Presente nas dependências do IHGAL, a coleção de objetos de uso diário de Lampião teria tudo para atualizar as análises sobre como se reconfiguram no presente as antigas táticas de coerção social. A coleção dos itens recolhidos em 1938 com a execução de seu grupo em Angicos (SE), poderia ser internamente repatriada na forma do acréscimo de relatos do outro lado do cangaço. Também o lugar que a coleção ocupa seria realocado no espaço expositivo do IHGAL para outra posição que melhor condiga com a sua importância histórica. São imagens da realidade conflituosa que antecederam e sucederam Lampião para a devida inserção e melhor compreensão da dimensão social do emaranhado histórico entre cangaço e coronelismo e,

extravagantes que concorreram para o episódio do ‘Quebra’ como uma das particularidades que cercam o episódio” (Rafael, 2012, p. 289).

¹¹ A história do Xangô alagoano continua em Recife no Sítio do Pai Adão, Felipe Sabino da Costa (1877-1936). Em Olinda, o terreiro da Nação Xambá mantém vivo o legado do babalorixá Artur Rosendo (Maceió, ? – Recife, 1950), que escapou de sua cidade natal no início da década de 1920.

com o foco na variada indumentária, trazer o universo de valores morais e estéticos sertanejos fora dos códigos de conduta correspondentes às classes dirigentes nordestinas.

Assim, por exemplo, no IHGAL, ao aproximar o retrato do interventor Osman Loureiro (1895-1979) aos despojos de Virgulino Lampião (1897-1938), ficaria evidente o quão estavam se tornando desiguais as forças dos universos em choque no Nordeste de seu tempo. As feições, as condições de exibição da imagem de cada um no IHGAL, os respectivos olhares e a indumentária dessas personagens contemporâneas entre si são tão diferentes uns dos outros quanto o imaginário coletivo que despertavam sob direção do Estado e de seus representantes. Considerar as diferenças ostentadas, como também as similitudes elididas, ajudaria a retratar o processo das mudanças e continuidades entre os grupos sociais em disputa pelo poder, a complexidade e o custo humano de uma modernização conservadora e os focos de resistência ocorrida no Brasil durante o período, e ainda hoje, no país.

6. Caracterizar o lugar que a mulher ocupa na expografia do IHGAL

A apropriação patriarcal da mulher é a característica estrutural das sociedades colonizadas. Nelas, reina o sistema binário homem-mulher que eleva a família nuclear a fundamento da dominação interseccional de raça, classe, gênero e sexualidade. Não existe universalidade na família nuclear (composta por um casal homem-mulher e seus filhos, sejam eles biológicos ou adotivos), mas consiste em uma forma especificamente ocidental de organização parental. O que se vê, no caso da Pinacoteca do IHGAL é, muitas vezes, a mulher colocada ao lado de um homem para reforçar a masculinidade do poder. Esse homem é racializado, heteronormativo e capitalista. Portanto, o casal é a unidade mínima desse pacto colonial¹².

No Salão Nobre do IHGAL, recebem destaque os retratos de mulheres da sociedade patriarcal que cumpriram a função de endossar a centralidade masculina para eficácia da supremacia de gênero na administração do poder, formando casais binários. As poses que adotam no retrato refletem a consciência de quem ocupa lugar de mando, ajustadas àquelas adotadas pelos seus vizinhos. Essa mulher seria, naquela sociedade patriarcal, uma mulher a serviço das prerrogativas masculinas de controle interseccional.

¹² “A feminista decolonial María Lugones (2014), ao identificar a existência do que denomina ‘Sistema Moderno Colonial de Gênero’”, aponta que o seu objetivo é “tornar possível o domínio da natureza pelo homem (numa) intrínseca associação entre a concepção de natureza e o que se compreende por mulher e feminino” (Santos, 2018, p. 5).

Compunha, assim, uma unidade fundamental de sustentação do patriarcado, a do casal homem-mulher tomado como modelo de organização nuclear binária para a legitimação da divisão social pelo gênero. A partir das relações binárias, o espaço privado é hipertrofiado e o espaço público surge como extensão do ambiente doméstico, submetida a vida democrática aos laços de parentesco, à reprodução social controlada pelo compadrio, à troca de favores, ao privilégio. Outros corpos e outras organizações diferentes foram desconsiderados, destituídos de subjetividade, privados dos mesmos direitos. Portanto, na Pinacoteca do IHGAL, teríamos a mulher “recatada e do lar” de um lado (*hall* de entrada, Salão Nobre e retratos de casal pelos espaços principais)e, de outro, a “mulher decotada e popular” deslocada para ambientes periféricos, não misturada, muitas vezes escondida dos olhares dos visitantes, em recantos de difícil acesso, em salas fechadas. Trazê-las, uma para perto da outra, serviria para mostrar como o controle é exercido de maneira difusa sobre os corpos da mulher nos variados casos.

Na sala da Secretaria, outro exemplo, a profusão de retratos masculinos indica a pequena representatividade institucional da mulher. Quantas mulheres co-sócias do IHGAL? Quantas, em sua presidência? A Pinacoteca do IHGAL como obra de fricção partiria de tais constatações e montaria um plano que, além de evidenciá-las, despertasse a discussão para o tema e sugerisse meios de incorporação dessas mulheres¹³.

Ademais, a demolição do colonialismo interno que interage com o machismo brasileiro deve levar em conta as escolhas que políticas de subalternização de gênero fizeram ao determinar a mulher negra como alvo principal. E isso se deu em especial pela erotização. O próprio mito da democracia racial, conforme demonstrado pelo movimento negro, teria surgido também do projeto de legitimação da exploração sexual racializada. Não só a mulher negra, mas a mulher pobre. Não só a mulher pobre, mas a mulher de comportamento não encaixado no padrão socioeconômico e cultural normativo identificado ao ideal familiar da Sagrada Família. Quero ressaltar aqui a erotização como modalidade de controle colonialista de gênero. Desde a chegada do primeiro europeu, os portugueses aqui desembarcavam para se fartarem de índias nuas. A violência desse tipo de contato, de um lado, exaltava o eufemismo da miscigenação racial, desde 1500; de outro, sugeria à sociologia do país que era esse mesmo o caminho a

¹³ Em 2024, no número 54 da Revista do IHGAL, a historiadora Fabiana Mariano publicou “A presença feminina nos quadros sociais do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas”. Sua pesquisa revelou que foram poucos os artigos publicados pelas mulheres. O primeiro artigo foi publicado em 1975, mais de 100 anos depois da fundação da instituição em 1869. A primeira sócia (correspondente) só apareceu em 1930, e a sócia efetiva, em 1968, apenas. Fabiana Marinho é secretária executiva do IHGAL.

ser seguido, uma vez que a nudez, desfrutável tal qual se apresentou, despertava no macho os instintos esperados de povoador.

7. Associar reduções indígenas e abuso do poder colonial a partir do tríptico do Salão Nobre

O apresamento do indígena que ocorreu no século XVII sem pudores para saciar a lubricidade do colono, o incremento da mão de obra e a infiltração de elementos miscigenados na tribo por meio de alianças de parentesco constitui um traço fundamental do abuso de poder colonial. A transposição de limites éticos e ecológicos, conforme historicamente ocorrido, continua hoje com vistas à imposição de uma mesma vontade de expropriação naturalizada. Assim, o apresamento se transformou em destruição do meio ambiente e sequestro da biodiversidade para a utilização da terra, da água e dos recursos naturais, a expropriação intelectual das propriedades fitoterápicas da flora e fauna. O indígena tem sido tratado como empecilho e desqualificado seu conhecimento ancestral, tática de apagamento de sua humanidade. Outra forma de captura, além do apresamento, foram os "descimentos", ou seja, as expedições nas quais os indígenas classificados como "bravos" eram enfrentados pelas armas, enquanto os "mansos" eram conduzidos para aldeamentos. Isso significava receber os ensinamentos da fé cristã e habituar-se ao trabalho sedentário.

As três grandes pinturas da parede de fundo do Salão Nobre compõem um tríptico que conta bem a história da captura colonialista do nativo brasileiro. Elas narram a evolução dos métodos de controle da existência e alienação dos direitos dos povos não europeus em território brasileiro desde o século XVII até pouco antes da República quando grupos de origem na exploração de indígenas e africanos escravizados – Igreja, Coroa, militares e latifundiários –, ali representados, ocuparam os estamentos do poder. Em tempos diferentes, essas três pinturas são eloquentes na mensagem que transmitem. O litígio que ocorreu entre jesuítas e colonos no Brasil Colônia, entre o Imperador e os proprietários de terras e de escravos no Império, e das oligarquias entre si e com os militares na República foram lutas pela hegemonia do território e da população que concebe uma modalidade própria de imposição de valores e justificativa para o uso variado da força no Brasil. O tríptico do IHGAL ilustra bem isso.

8. Organizar exposições temporárias no vão central do prédio do IHGAL

É preciso desobstruir caminhos para a compreensão multitudinária da história de Alagoas e do Brasil. No vão central do IHGAL, por enquanto vago, serão montadas exposições com o auxílio de recursos interativos multimidiáticos para a discussão e reflexão não hegemônicas, alternativas às prevalentes na história oficial, que exibam o resultado de pesquisas inconformistas e arrojadas, saltos epistemológicos friccionais.

A distribuição pelos andares do prédio, a espacialidade, os vazios e silenciamentos, as narrativas subjacentes ou explicitadas com o que as diferentes coleções são separadas umas das outras refletem e conformam uma ideologia. Outras ideologias merecem ser trazidas para a ampliação do diálogo. Um diálogo mais denso e tenso entre as coleções pode e deve ser estimulado pelos respectivos embates discursivos entrecruzados e seus desdobramentos no adensamento das camadas que compõem as múltiplas figurações coexistentes e concorrentes sobre a história de um país ainda fracionado. Assim, talvez pudéssemos desconstruir a ideia de um povo passivo e manipulável para o entendimento de como se dá a retroalimentação crescente de uma vitalidade simbólica da diversidade cultural que floresce em Alagoas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernando Antônio Gomes de. *Legba: a guerra contra Xangô em 1912*. Brasília: Senado Federal, 2015. 376 p.

CHELINI, Maria-Júlia Estefânia e LOPES, Sônia Godoy Bueno de Carvalho. Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise. São Paulo: *Anais do Museu Paulista*. v. 16. n. 2. Jul-dez. 2008. pp. 205-238. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaism/a/qgvYMStPryTfZQ94DmDvFRL/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 jan. 2025.

KYRILLOS, Gabriela M. *Interseccionalidade: proposta de um mapa teórico provisório*. Santa Vitória do Palmar: UFRS. *Rev. Estud. Fem.*, v. 32, n. 2, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/XYrfcqZBsxHKDk4Qp5M3p9B/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2025.

MARIANO, Fabiana. A presença feminina nos quadros sociais do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. 2024. v. 54, pp.167-195.
PEREIRA, Matheus. *Guia de expografia: o que levar em conta ao montar uma exposição*. Publicado em 23 de maio de 2018. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/894949/guia-de-expografia-o-que-levar-em-conta-ao-montar-uma-exposicao> . Acesso em: 24 jan. 2025.

RAFAEL, Ulisses. Muito barulho por nada ou o “xangô rezado baixo”: uma etnografia do “Quebra de 1912” em Alagoas, Brasil. *Etnográfica* [Online], v. 14, n. 2. Junho de 2010. pp. 289-310. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/297>. Acesso em: 01 jul. 2024.

SANTOS, Vivian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/FZ3rGJJ7FX6mVyMHkD3PsnK/?lang=pt> . Acesso em: 08 jan. 2025.